

ALCEU AMOROSO LIMA: 'A PSICOLOGIA DO POVO' OU 'O HOMEM BRASILEIRO' – UM PROJETO INCONCLUSO

IF I WERE A BRAZILIAN

In seeking the unity of a society and national culture so complex as that of modern Brazil, I realize that certain things cannot be state scientifically, with full substantiation.

Much of the unity of Brazil comes from just being a Brazilian - feeling and acting like a Brazilian. These implicit, almost intuitive, aspects of a culture are difficult to make explicit and to define, even for the native observer, although they are expressed every day in books, newspapers, and movies, and in the common understandings which the members of a culture share. (...).

I have often daydreamed about what I might do or be if I were a Brazilian. Sometimes I have thought that I would be a revolutionary, attempting to break rapidly and drastically through the lethargy of an archaic class system. Yet, if I were a Brazilian, I would, of course, almost certainly want to be of the upper class. I would not want to be one of the unfortunate 49 percent who cannot read or write, and I would want to be one of the small minority who somehow achieve a university education. I would want to travel abroad to Europe, to the United States,

EDUARDO DIATYH B. DE MENEZES*

RESUMO

Antes de escrever e publicar *A Voz de Minas*, Alceu Amoroso LIMA (Tristão de Athayde), num registro discursivo típico do ensaísmo, tenta, em diferentes momentos e circunstâncias diversas, a elaboração de uma caracterização da alma nacional brasileira. Ele expõe este curto ensaio em mais de uma circunstância e o publica com várias modificações em pelo menos quatro ocasiões: apresentado primeiramente como conferência - «Psicologia do Povo Brasileiro» -, em 9 de setembro de 1933, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, sai publicado no ano seguinte em sua Revista, n.º 60, 1934: 119-239 (RIGHB); no mesmo ano, vai reproduzido com o título «Traços da Psicologia do Povo Brasileiro», na revista *A Ordem* (Rio, Fevereiro, 1934); foi incluído, dez anos depois, com este título e algumas modificações, no seu livro *Humanismo Pedagógico*, 1944, pp. 91-116 (HP); e, finalmente, com este mesmo título e com alguns cortes, acréscimos e adaptações, vai incluído também em seu livro *Introdução à Literatura Brasileira*, 1943 (ILB), obra que foi apresentada como trabalho ao IV Congresso de História Nacional, tendo merecido aprovação em sessão plenária (28 de abril de 1949), e com sua publicação nos respectivos *Anais*². Por outro lado, no plano geral de suas "Obras Completas", pela Livraria AGIR, do Rio de Janeiro, há um volume de n.º 30, anunciado durante vários anos, sobre *O Homem Brasileiro*, que desaparece completamente da lista a partir de 1956. Vale indagar sobre as significações desse projeto inconcluso.

* Professor Titular do Doutorado e Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC. Membro do Instituto (Histórico) do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

and perhaps even beyond the Iron Curtain to compare my own country and society with that of others...

Charles WAGLEY
[1963: 267-8].

PRELIMINARES

A presença intelectual atuante e a produção cultural de Alceu Amoroso Lima foram tão marcantes durante mais de sessenta anos deste século no Brasil, que ele dispensa maiores apresentações. Com efeito, nascido no Rio no dia 11 de dezembro de 1893 (no mesmo ano, portanto, que Mário de Andrade, Leonel Franca, Jorge de Lima e Sobral Pinto), à Rua Cosme Velho n.º 2, a poucos passos da casa em

que morava Machado de Assis, desde que iniciou sua atividade como crítico literário em 1919, quando cria sua personagem 'Tristão de Athayde', sofre em 1928 a inflexão radical de sua conversão ao catolicismo, sob a influência de Jackson de Figueiredo e a cooperação do Pe. Leonel Franca S.J., passando então ao exercício da crítica de idéias, mantém ele, sem descontinuar, este seu desempenho cria-

dor até praticamente a sua morte em 1983, aos 90 anos de idade³.

O próprio "Dr. Alceu", como era carinhosamente chamado, só reconhece para si o exercício de uma profissão: o *magistério*. E de fato foi catedrático de Sociologia da Escola Normal do Rio de Janeiro (1930), de Economia Política na Faculdade Nacional de Direito (1932), de Literatura Brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia e na PUC-Rio, foi Reitor da Universidade do Distrito Federal (1938), foi Diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana (órgão executivo da OEA), em Washington, por mais de dois anos (1951-1953), pouco tempo depois foi convidado e assumiu a cátedra de Civilização Brasileira na New York University, etc.; além de ter sido membro do Conselho Federal de Educação por muitos anos. Com a morte de Jackson de Figueiredo (1928), assumiu a presidência do Centro Dom Vital de intelectuais católicos e de sua revista *A Ordem*. Exerceu ainda a presidência da Ação Católica Brasileira de 1935 a 1945. Sempre evitou uma atuação político-partidária, embora tenha tido uma participação política intensa na Liga Eleitoral Católica, bem como na fundação, em Montevidéo, do Movimento Democrata Cristão na América Latina (1957). Defensor empenhado dos ideais de liberdade e dos direitos humanos, foi membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz. Sua obra extensa, de quase uma centena de livros e opúsculos, abrange história e crítica literárias, pedagogia, psicologia, teologia, filosofia, sociologia, política, economia, etc.; sem falar em sua intensa colaboração jornalística.

A densidade de seu pensamento e a variedade temática sobre a qual disseminou o seu espírito inquieto e lúcido constituem uma provocação quase derrotadora para quem se aventure na exploração de seus caminhos. No início de seu belo ensaio sobre «A Fonte da Juventude», no qual examina a peregrinação do nosso autor pela Europa de 1950, Ricardo

Benzaquen sublinha legitimamente que «*esse caráter quase monumental da sua produção, aliado à surpreendente escassez de pesquisas acadêmicas a seu respeito, transforma a oportunidade de escrever sobre Alceu num desafio dos mais estimulantes*» [1987: 72]. Todavia, esta afirmação sobre a escassez de pesquisas acadêmicas a seu respeito, como a maioria de nossos enunciados, contém apenas uma verdade parcial. De fato, não é reduzido o número de estudos sobre Alceu Amoroso Lima, ainda que desigualmente elaborados e de valor analítico nem sempre consistente: excetuada a categoria dos livros de depoimentos a seu respeito por intelectuais dos mais diversos quadrantes ideológicos, restam assim mesmo alguns bons textos sistemáticos [V. Bibliografia].

Embora o dinamismo cultural de hoje já comece a recobrir a sua memória com a presença de outros temas e protagonistas, e conseqüentemente com seu relativo esquecimento, ainda é viva a influência de seu legado. Vale assinalar que esse interesse por sua produção começou relativamente cedo, já nos anos 30; nos inícios portanto de sua vigência intelectual. Nesse sentido, gostaria de trazer para cá uma apreciação sobre Tristão de Athayde da maior significação pela fonte insuspeita de que se origina, de um espírito freqüentes vezes mordaz e desapiedado em suas avaliações como era Agrippino Grieco:

«... o sr. Tristão de Athayde revela-se cada vez mais o crítico das idéias, desejo de bem classificar os temperamentos, embora sem excessos arbitrários.

Já agora está sendo menos dogmático. Evita os quadros estreitos e denota certa invasão de bondade, que lhe deve ter advindo do ingresso no catolicismo, trazendo-lhe este uma sensível dose de ternura, ao contrário do veemente ardor polêmico que traz a tantos outros.

Querendo tudo compreender em arte, mesmo os artistas estranhos à sua predileção, mesmo os escritores de espírito oposto ao seu, não quer ser injusto com ninguém.

Nem só a Europa existe para ele, não é um emigrado das nossas letras e procura conhecer tudo dos contemporâneos dos Estados, procura torná-los conhecidos da capital, e às vezes seu prestígio dá um valente empurrão na venda de livros de êxito incerto, como **A Bagaceira**, do sr. José Américo de Almeida.

Outras vezes diz algo de novo a propósito de prosadores já familiares à admiração do Rio, mas que nada perdem com essa nova interpretação, tal o perspicuo e mordente Alcântara Machado do **Braz, Bexiga e Barra Funda**.

Também domina como raros a literatura brasileira de fins do século passado e do princípio deste. Percorre vagarosamente revistas e jornais do tempo, o que importa em ato de heroísmo... Vejam-lhe as minúcias sobre Adolfo Caminha e o movimento literário do país, Norte-Sul, no começo desta centúria.

Sabe filosofia, estética, história da arte e até ciência, e só essa simultaneidade de cultura explica trabalhos como «A Beleza e o Número», onde há aforismos bem pensados e bem expressados, entre a matemática e a metafísica, observações de um antigo e de um moderno, ou sejam de um classicista a quem não escapam os problemas da hora que passa. (...)

Tratando de Pirandello, mostra-se o sr. T. de A. capaz de interpretar os homens complexos e prova que leu na íntegra o singular siciliano, recolhendo também sobre ele a melhor informação, a melhor e a mais recente, extractada de volumes reais e não de reportagens das **Nouvelles Littéraires** ou do **Vient de Paraître**, única biblioteca de muito rapazola sequioso de erudição em comprimidos de noticiário.

Idem, idem quanto a Marcel Proust, que lhe inspirou uma conferência magistral, outro seguro testemunho da sua cultura cosmopolita, cultura de estudioso que hoje mais lê estrangeiros no Brasil.

Depois, o nosso ensaísta embrenha-se em assuntos mais áridos, que lhe castigariam um pouco os dentes. Tais os detalhes de geologia discutidos, em páginas de divulgação clara e feliz, a propósito de um livro de Herman von Ihering, que foi diretor do Museu Paulista, páginas em que autor e crítico concluem pelo cepticismo científico, proclamando que, em última instância, a ciência importa para nós em lição de humildade e não de orgulho.

(...) Auscultador de espíritos, o equilibrado censor dos **Estudos** não esquece os cérebros de maior significação no momento mundial. Dizendo muitas novidades aos nossos patrícios que não têm tempo para especializar-se em filosofia ultramarina, tritura-lhes, para mais fácil deglutição, o criticismo demolidor de Spengler e o misticismo construtor de Keyserling. (...)

Para evidenciar até onde vai a sua múltipla curiosidade de analista desejoso de remexer em tudo quanto exprima energia e trabalho, tece até uma digressão sobre o distributismo⁴, teoria econômica em nada inferior às dos nossos pretensos mestres de ciências sociais, os tais que confundem o Guyot economista com o Guyot fabricante de alcatrão ou o Guyot fabricante de suspensórios...

Com um sincero fervor de compreensão e crendo que em quase todas as criaturas há uma beleza secreta de que nem sempre se apercebem aqueles mesmos que a possuem, volta-se para tudo quanto é indício de vida e nada do que é humano lhe pode ser indiferente». [Apud FTD, 1930: 632-633].

Dou a seguir uma nota curiosa e significativa quanto às preferências literárias de Alceu Amoroso Lima, que retirei do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20.Julho.1955:

NA ARCA DE NOÉ (4)

«Que vinte livros publicados na primeira metade do século mereceriam um lugar na arca de Noé, escolhida para sobreviver a um novo dilúvio? Três escritores já responderam ao inquérito que esta coluna está fazendo: Octávio de Faria, Adalgisa Néry e Antônio Olinto. Publicamos hoje outro depoimento importante: o do crítico e ensaísta Alceu Amoroso Lima. Apresentaremos ainda respostas de 16 outros escritores representativos do atual movimento literário brasileiro.

Lista organizada por Alceu Amoroso Lima:

- | | |
|---|---|
| 1 – Machado de Assis: <i>Dom Casmurro</i> | 11 – James Joyce: <i>Ulisses</i> |
| 2 – H. Bergson: <i>A Evolução Moderna</i> | 12 – Franz Kafka: <i>O Processo</i> |
| 3 – Léon Bloy: <i>O Desesperado</i> | 13 – J. Maritain: <i>Humanismo Integral</i> |
| 4 – Chesterton: <i>O Homem Eterno</i> | 14 – François Mauriac: <i>O Nó de Vīboras</i> |
| 5 – Paul Claudel: <i>Cinco Grandes Odes</i> | 15 – Pirandello: <i>Seis Personagens</i> |
| 6 – Bernanos: <i>Sob o Sol de Satã</i> | 16 – Charles Péguy: <i>Jeanne d'Arc</i> |
| 7 – T. S. Eliot: <i>Terra vazia</i> | 17 – E. M. Rilke: <i>Sonetos a Orfeu</i> |
| 8 – André Gide: <i>Diário</i> | 18 – M. Proust: <i>A Busca do Tempo Perdido</i> |
| 9 – E. Hemingway: <i>O Velho e o Mar</i> | 19 – Fulton Sheen: <i>Deus e a Inteligência</i> |
| 10 – García Lorca: <i>Romancero Gitano</i> | 20 – Paul Valéry: <i>O Cemitério Marinho</i> |

«Evidentemente, chega a ser heróica a abnegada possança de trabalho do sr. Tristão de Athayde, homem que repousa das tarefas diurnas triturando à noite volumes alemães; que percorre quase todas as publicações essenciais dos dois mundos e há vários meses citou uma escritora chinesa, provavelmente não percorrida em chinês, o que também seria abusivo. Tão moço ainda, já leu ele terrivelmente. É mesmo esta uma das características da nossa geração, muito mais culta e curiosa, muito mais ávida de saber do que as gerações anteriores, sacrificando talvez a sensibilidade à inteligência. (...) Mas o sr. Tristão lerá ainda mais que os outros, se bem que, já gora, eu não mais o inclua entre os que, todas as manhãs, fazem exercícios de halteres intelectuais nos volumes dos campeões de peso pesado da crítica universitária, tal esse Benedetto Croce que é o horror de Papini... (...)

Começou ele fazendo logo crítica num diário e estampando o perfil de Affonso Arinos, um dos grandes pintores e reveladores do Brasil rústico. (...)

Depois, deu-nos o sr. T. de A. a sua contribuição à coletânea **À Margem da História da República**, organizada por Vicente Licínio Cardoso, ou seja o capítulo sobre o aspecto político e social da nossa literatura em trinta e cinco anos de regime democrático. (...) verdadeira obra prima de síntese lúcida. Movimentador de idéias, sabendo ver o espírito dos livros, os tipos e as datas, manejando bem as situações e caracteres

e não dando nunca aos acontecimentos uma interpretação arbitrária, [ele] representava, desde então, a maior das nossas forças críticas. (...)

... na série inicial dos **Estudos**, escritos de quem, de certo modo, renovou a crítica no Brasil, fazendo-a sair da espulgação de solecismos e de erros de métrica, e da amabilidade ou da diatribe a todo transe, inaugurou em nossa imprensa o ensaísmo à francesa. E tudo, afinal, para cultivar o mais odioso dos gêneros, um gênero que não agrada a ninguém, nem a elogiados, nem a atacados, os primeiros porque sempre se supõem elogiados de menos e os segundos, atacados demais. Gênero odioso, verdadeira máquina de fazer inimigos, nesta taba de antropófagos com talheres e fogão a gás.

De qualquer forma, a série de abertura dos **Estudos** é para ler e reter na biblioteca...

Em suma, a boa crítica de jornal começou com o sr. Tristão em nosso país e existem ensaios seus perfeitamente dignos da França...

Mas, a rigor, forte como é na ordem especulativa, filosófica ou moral, [ele] será mais um doutrinador e um pensador que propriamente um crítico literário. Não circunscreve a sua ação ao fenômeno artístico e, acima de tudo, quer ver restituído a cada um de nós o seu "eu" cristão. Burguês às direitas, ..., sem estreita mentalidade capitalista, sem fervor utilitário, difere dos cambistas do otimismo que reduzem todos os sentimentos a dólares, e não ri muito, não brinca muito, jamais se divertindo às custas dos ridículos alheios e tudo lhe parecendo digno de estudo mesmo no mais carnavalesco dos países qual o nosso. Inegavelmente, com tantas leituras, tanta seriedade e tanta dedicação ao dever de cada dia, o sr. A.A.L., neste Brasil "bagunceiro", "fuzarqueiro", dá-me a impressão de alguém que se munisse de... cartas geográficas, botas de couro, binóculos, chapéu de cortiça, latas de conserva, salva-vidas, pára-quedas, carabina, para, afinal, fazer uma ligeira excursão ali a Engenho Novo ou Engenho de Dentro... (...)

Clássico que é na essência, preso à doutrina, a tradição da autoridade, assumindo a defesa de Goethe e Shelley, contra o verso do sr. Ronald de Carvalho, - ele em vão afetou pender para a extrema-esquerda do modernismo. Esses ares revolucionários ser-lhe-iam apenas um pecado de que cedo se arrependeu. Um fraco meio sacrílego, isso de gostar, real ou aparentemente, de criaturas tão diversas dele, de gente que gosta de rir, tais os espirituosos Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Os desafetos, em geral, vingam-se dele, não tanto atacando-lhe as idéias, - fervilhantes, pululantes, algo atropeladas, mas reais e ricas, abrindo rumos, indicando perspectivas, mostrando novidades, remexendo em cérebros - mas atacando-lhe o estilo, que dizem, e não sem razão, meio compacto. (...)

Antes de terminar, lembrarei que um ou outro dos seus criticados também lhe ati-

rou em cima, à guisa de paralelepípedo, o nome de Brunetièrre. Ah! Esse pobre Aristarco de Paris! (...) Assim, seja ou não o sr. T. de A. um discípulo de Brunetièrre, forçoso é louvã-lo pelo que tem feito aqui em prol da vida do espírito, louvar-lhe o horror ao cabotinismo, a possança de trabalho, a inteligência sintética, o amor às idéias gerais, a consciência apaixonada, a tenacidade em tudo examinar por si mesmo, em suprimir os obstáculos ao invés de ladeá-los habilmente, a vontade sempre desperta para a ação, o gosto da lógica, a construção vigorosa dos seus argumentos, a dignidade de não ser nunca um simples lacaio, um simples recadista da alheia celebridade, a intrepidez em expulsar os intrusos, em por fora das letras aqueles que nem sequer deviam ter ingressado... Sendo o maior dos nossos críticos vivos, o sr. T. de A. afirma-se sempre um julgador honesto em cujos escritos todos os homens cultos se reconhecem». [Agrippino GRIECO, 1933: 331-340].

Reconheço que abusei no que tange ao tamanho desta citação. Isso foi porém intencional em virtude do seu valor histórico como testemunho saboroso de um crítico reconhecidamente áspero em suas posições e que no entanto aqui se derrama num elogio sincero, em razão também de sua apreciação abrangente sobre a produção de Alceu até então, e em especial pelo esboço que realiza dessa personalidade sedutora, opulenta e simples, que eu tive a felicidade de conhecer pessoalmente⁵. E com isso, eu encerro estas notas preliminares e passo ao tema central deste trabalho.

O HOMEM BRASILEIRO NUM PROJETO INCONCLUSO

O exame que pretendo empreender aqui busca deliberadamente centrar seu foco de interesse sobre a questão específica enun-

ciada no título do trabalho e no desta segunda parte, sem nenhuma intenção de explorar a variada gama de problemas, ainda que correlatos, que afloram da vastíssima obra de Alceu Amoroso Lima.

Portanto, uma vez indicado o recorte aqui perseguido, assinalo desde logo que Alceu Amoroso Lima, a despeito de seu estilo próprio e do quadro interpretativo que elabora, ele não inova na temática nem chega ser propriamente original. Com efeito, a discussão e a investigação sobre o que definiria o caráter nacional do povo brasileiro constituem um velho debate que tem acompanhado incessantemente a construção histórica de nossa cultura como país independente. Essa nota dominante nas inúmeras vertentes do pensamento brasileiro – historiografia, ficção, poética, crítica, sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, etc. – está tão fortemente presente em todas suas etapas de formação até hoje, que Afrânio Coutinho forjou para isso uma expressão fortemente significativa: *a tradição afortunada*.

Essa tradição se vem constituindo pelo menos desde José Bonifácio, provavelmente o primeiro a formular o problema do caráter brasileiro, até os que se lhe seguiram, tais como José de Alencar, Sílvio Romero, Machado de Assis, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Euclides da Cunha, Manoel Bomfim, Alberto Torres, Afonso Celso, Oliveira Viana, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Afonso Arinos de Melo Franco, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Alceu Amoroso Lima, Viana Moog, José Honório Rodrigues, Darcy Ribeiro e muitos outros. Assim, o nosso autor não faz mais do que enriquecer essa longa estirpe de intérpretes do Brasil. Para não mencionar outra extensa linhagem de estrangeiros que se debruçaram, argutamente por vezes, sobre esse enigma. E o serem indecifráveis é próprio de enigmas, como dizia Carlos Drummond de Andrade.

Alceu Amoroso Lima parece ter sido assediado por essa problemática desde os inícios de sua carreira como escritor militante. De fato, na primeira série de artigos críticos que compõe o volume de *Estudos* referente aos anos de 1919 e 1920, não é difícil surpreender aí a gênese dessa temática e o esboço de sua arquitetura analítico-conceitual.

Abro no entanto um parêntese para destacar o impressionante desempenho que era, nos seus 26 anos de idade, examinar regularmente a cada semana em densos artigos de jornal a produção literária e sobretudo ensaística da época. Eis por que no seu artigo inicial de 17 de junho de 1919, nas páginas de *O Jornal*, espécie de plataforma ou programa em que traça os rumos desse empreendimento, ele conclui afirmando que «descobrir virtudes e belezas acima das fronteiras e nacionalidades, manter o contacto com as idéias e preocupações contemporâneas, isolar o fio da tradição, sempre de olhos presos na cultura, para a formação de uma individualidade nacional» constitui «tarefa mortal para um homem, desmedida para uma geração, pesada ainda para um século», mas isso «não é razão para que cada um de nós na sua esfera não procure humildemente concorrer para tão nobre intuito», por isso ele se diz ansioso por trazer a sua «pedra ao edifício de nossa cultura», na esperança de que o compreenderão, relevando a ousadia pela grandeza do objetivo, «todos aqueles que amam esta terra e confiam neste povo» [*Primeiros Estudos*, 1948: 23].

Mas passemos a alguns exemplos dessa produção inicial. O artigo «No limiar do Brasil», de 12 de julho de 1920, em que critica de forma contundente o livro *Quando o Brasil amanhecia*, de Alberto Rangel⁶, ao buscar responder à questão que ele mesmo pôs no início do texto – «Qual das duas formas [*de expressão: simples ou impetuosa*] corresponde ao caráter da nacionalidade e ao momento da

civilização? –, ele assevera que não pode concordar «com os que consideram a incorreção, a desordem e a opulência desgovernada, como a única expressiva do estágio de civilização em que permanecemos», e isso porque «esses caracteres nacionais são meras categorias ou investigações de críticos», sendo que «a verdadeira manifestação literária, expressiva de nosso estado incipiente e mimetista de civilização, é justamente a coexistência de todas as formas de expressão» [p. 235].

Noutro texto, intitulado «Litoral – Sertão», de 15 de novembro desse mesmo ano, em que examina três livros, respectivamente, um de Eugênio de Castro, outro de Renato Kehl e outro de Gastão Penalva, ele retoma de início a afirmação que fizera em artigo anterior segundo a qual «a dualidade essencial de nossa história» mostra que esta «tem evoluído num ritmo regular de maré, do litoral ao sertão ou vice-versa». E logo sustenta enfático que «toda a nossa vida nacional é norteadada por esses dois pólos, e como a literatura repercute, senão reflete, a sociedade, encontramos em nossa vida literária a expressão dessa dualidade, que empresta à alma nacional uma ambigüidade característica» [p. 324]. Dessas premissas decorrem reflexões sobre nossa psicologia coletiva que antecipam vários elementos de sua concepção que irei considerar mais adiante, quando examinar o texto objeto deste estudo. Tais elementos constituem as componentes de um como *Leitmotiv* que retorna invariavelmente em muitos dos seus escritos. São afirmações tais como: «Não haverá em todos nós um pouco do idealismo aventureiro dos jangadeiros e do realismo malicioso do sertanejo? A solicitação que sofremos de civilizações estranhas, o gosto das viagens, a sedução de outras culturas, o instinto poético, o relativo desinteresse pelas coisas materiais, não será em parte isso tudo mantido em nossas almas pela proximidade constante do mar, estendido por esse litoral?

(...) Dualidade, ambigüidade – eis o segredo da nossa alma e portanto da nossa literatura. (...) Essa nossa população, nas classes cultas, vive solicitada por influências opostas, e ainda nas incultas apresenta caracteres dessemelhantes, discordantes, influências e dessemelhanças que se resolvem em uma harmonia final peculiar e expressiva da nossa alma contemporânea...» [pp. 326-327].

Mas nessa perspectiva, o artigo mais expressivo desta obra inicial é por certo o derradeiro, de 27 de dezembro de 1920, intitulado «Sociologia», em que faz elogiosa apreciação do primeiro volume do livro de Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil* (paulistas, fluminenses, mineiros), que acabara de ser publicado. O jovem Alceu Amoroso Lima o abre com esta assertiva, que reforça e complementa a sua concepção: «A grande generosidade, que incontestavelmente dirige o nosso caráter, priva-nos de outra virtude – a perseverança. Nesse ponto, nada nos ficou do domínio árabe na península. Somos inveterados adversários da paciência e por isso mesmo, em compensação, da hipocrisia. (...) Daí também certa superficialidade de visão, uma instintiva prudência, grande falta de entusiasmo e marcada predileção pelas obras de fantasia, minguadas de observação. A obra lenta, paciente, tenaz, obscura, a obra de método e fôlego, não nos seduz, talvez ainda pouco nos convenha. A nossa própria erudição é dispersiva e parcelada. Dessa ausência comum de tonalidade deriva a nossa atitude perante os problemas nacionais, que raro sabe guardar uma moderação consciente, e oscila em geral entre o sarcasmo e o lirismo.» [p. 355]. Dessa tomada de posição, segue-se sua análise do livro de Oliveira Viana, que ele qualifica de “monumental”, obra não de um historiador, mas de um sociólogo, «para quem a história é apenas a trama e a verificação dos seus estudos», sublinhando ainda a originalidade do tema escolhido – «este estudo do

nosso povo, com suas peculiaridades de caráter ainda tão pouco definidas». E continua: «Deixando para mais tarde o estudo do nosso homem urbano, (...), dedicou-se preliminarmente ao “cerne da nacionalidade” na expressão euclidiana, essas populações rurais, a que chama de “matrizes da nacionalidade”; e logo reconheceu a ausência de uma unidade geral do povo, mas a existência, senão de “tipos sociais fixos”, ao menos de “ambientes sociais fixos”...» [p. 365]. Do processo histórico de ocupação do território resultaram três meios diversos, ao Norte, ao centro e ao sul, que geraram três sociedades diferentes: a dos sertões, a das matas e a dos campos, com seus três tipos específicos: o sertanejo, o matuto e o gaúcho. Para concluir: «Encerra o volume um estudo de ‘psicologia política’ dessas populações do centro-sul, na sua concepção de liberdade, nas suas revoluções e finalmente na sua função nacional» [pp. 356-357].

Postos nesses exemplos os balizamentos iniciais de sua concepção, podemos passar para os seus desdobramentos em elaborações ulteriores, embora seja mais ou menos notório que esses quadros conceptuais permanecerão como invariantes de sua interpretação do caráter nacional, resultante este, segundo ele, do processo histórico de adaptação ao meio físico, que determinou de algum modo suas tradições culturais e a singularidade de sua índole ou perfil psicológico cujos traços ele pretendeu analisar numa espécie de quadro impressionista.



Passemos pois ao texto da conferência «Psicologia do Povo Brasileiro»⁷, que suscitou o presente estudo. Em nota preliminar à sua publicação na *RIGHB* [1934], o autor nos fornece um esclarecimento sobre sua origem, ao dizer que ela foi esboçada a bordo do navio que o trouxe do Rio a Salvador, «nessas horas de recolhimento, que o oceano largo

permite e aqui venho trazê-la assim mesmo, tosca e descuidada, tão a jeito do nosso amor às coisas de improviso» [p. 119]. No que vai se seguir, eu utilizarei o texto original desta conferência, sempre em confronto com duas outras versões: a reproduzida em seu livro *HP* [1944] e aquela mais modificada e com adaptações a outros propósitos que vem em *ILB* [1956].

A conferência começa, desde a sua primeira frase, exprimindo um pressuposto ou premissa que vai constituir uma espécie de convicção íntima que será afirmada ao longo do seu pensamento em várias outras obras sobre os mais variados assuntos que examinou, algo como uma explicação geral que revela sua concepção do mundo. Cito, sublinhando essas idéias-chave: «A ordem é a unidade na variedade. E a psicologia do nosso povo, mesmo assim tratada pela rama, não pode fugir a esse equilíbrio de contrastes que torna possível a existência de um povo, com a sua personalidade própria e os traços distintivos da sua psicologia em face dos outros povos.» [p. 119]

É interessante destacar o fato de ele reconhecer aí que essa psicologia coletiva não é propriamente uma realidade em si, mas antes algo que só se deixa apanhar contrastivamente. Portanto, além de afirmá-lo, ele insiste num comentário comparativo: «A imprecisão desses traços psicológicos, aliada à plasticidade da nossa massa viva de espírito, tornam ainda precária toda a nossa estrutura nacional. Pois somos, ao mesmo tempo, um povo que foge às delimitações psicológicas, como o hindu, de que tão próximo estamos em nossa alma divagante e fugitiva, e simultaneamente, um povo que se deixa amoldar aos dedos vigorosos de qualquer escultor mais audaz.» [p. 220]

Lembra em seguida que, antes de propor a caracterização dos «traços que formam a unidade do nosso povo», seria prudente indicar

as grandes linhas de demarcação da nossa variedade psicológica, pois a rigor, para ser fiel a tal variedade de tipos, ter-se-ia de descer a cada homem em particular, visto que «*não há duas criaturas humanas rigorosamente iguais, nem física nem psicologicamente*» [p. 221]. Portanto, diz ele, se quisermos levar em conta as exigências de tal variedade humana no estudo da psicologia do nosso povo, deveríamos examinar cada brasileiro individualmente, «nele recolhendo os traços da sua personalidade substancial e os reflexos da personalidade moral e coletiva do povo de que faz parte» [*ibid.*]. Esse programa de pesquisa tão claramente proposto é, contudo, deixado de parte em função de uma elaboração mais impressionista e de superficial abrangência, que ele justifica vagamente com estas palavras: «Aqui estamos para essa segunda tarefa e não para a primeira, isto é, para *observar em bloco a alma nacional* e não para dissecá-la em cada ser humano que a constitui.» [p. 222] Ao que complementa com este reparo no qual afirma a sua crença na existência real dos atributos da nossa personalidade básica que indicará mais adiante: «Há sempre uma grande dose de arbítrio e de modo de ver individual nessas sínteses de psicologia coletiva. Mas como, por outro lado, *existem inegavelmente esses traços comuns na psicologia de um povo*, podemos dela tentar um esboço mesmo sumário e superficial.» [*ibid.* – grifado por mim].

Neste ponto, importa sublinhar o fato de que, embora já houvesse nos inícios dos anos 30, mesmo entre nós, bom acervo de estudos de antropologia social e cultural sobre as questões relativas às características nacionais de vários povos, Alceu Amoroso Lima opta ou se limita a inspirar-se nos trabalhos que ao final do século passado e inícios do atual inclinavam-se para a perspectiva introduzida pelos estudos de antropogeografia e de psicologia coletiva ou de psicologia dos povos, que gozavam ainda de certo sucesso des-

de a sua proposição por Wundt (1900-1920) [v. Bibliografia]. E mais significativo ainda é o fato de que tal perspectiva de análise perdura mesmo em suas obras ulteriores sobre temas correlatos, onde essa primazia do psicológico e do geográfico parece derivar de sua visão predominantemente metafísica, em especial após sua adesão ao catolicismo e ao neotomismo bebido sobretudo em Maritain.

Mas voltemos ao texto em exame. Depois de suas reflexões preliminares acima expostas de modo sumário, ele passa decididamente ao seu quadro analítico de base ao buscar o que ele chama de «certas linhas divisórias mais gerais que seriam como que os grandes setores psicológicos do povo brasileiro e que apresentam certos caracteres próprios e diferenciados entre si», os quais segundo ele podem ser agrupados em «*em três dessas grandes famílias psicológicas*:

- a) o litoral e o sertão;
- b) a cidade e o campo;
- c) o Norte e o Sul» [p. 222]

É curioso observar que na versão modificada dessa conferência que o autor inseriu em seu livro *ILB*, ele faz anteceder este quadro geral de algumas considerações que retificam de algum modo essa perspectiva por demais escolástica. Ele enriquece o esquema ao observar que cada uma dessas diferenciações admite uma situação intermediária, como seja o *Centro*, entre o Norte e o Sul; o *Interior*, entre o litoral e o sertão; e o *Povoado*, entre a cidade e o campo. Nos comentários que se seguem a essa observação ressalta mais uma vez sua visão de que tais diferenciações tendem a se articular numa *complementaridade*, numa *unidade de distintos*, enfim, na *harmonia* relativa do homem brasileiro. Ou em suas próprias palavras:

«O problema da diferenciação Norte-Sul já esteve, em tempo, na ordem do dia de nos-

sas discussões literárias. Hoje, embora já relativamente distanciado, ainda volta periodicamente à fala. (...) Hoje, passada a *moda* do problema, já o podemos resumir em poucas linhas e reduzi-lo às suas verdadeiras proporções. Como sempre, em tais casos, há um fundo de verdade obscurecido pela paixão e deturpado pelos mal-entendidos. O fundo de verdade é que *unidade brasileira*, milagre e nervo de toda a nossa história, inclusive literária, não é, nem nunca foi, uma unidade mecânica. É... uma unidade vital, isto é, uma unidade orgânica que só se entende dentro da variedade. Assim o foi e continua a sê-lo por motivos geográficos, políticos, econômicos, psicológicos, motivos de toda a ordem. O clima, a configuração da terra, a paisagem, tudo o que forma o ambiente físico no qual se desenrola o drama histórico do homem e da nacionalidade, não é uniforme no Brasil inteiro. Antes varia consideravelmente. E a maior das diferenciações é, justamente, essa que se reduz simplisticamente a essa fórmula Norte-Sul. Ora, sucede que historicamente, tanto do ponto de vista demográfico, como do ponto de vista político, a formação social do Norte e do Sul não foram uniforme. Não só predominou, no Norte e no extremo Sul, a corrente luso-açoriana, mas ainda se processou de modo diverso a miscigenação. E, isso, não apenas durante o período da colonização, mas até hoje. Houve, no extremo Norte e no Nordeste, um predomínio da mestiçagem luso-indígena, como houve no Centro um predomínio da combinação luso-africana e, no Sul, a fusão luso-castelhana ou, então, a imigração de outras raças brancas, italiana, germânica ou eslava. Essas diferenciações étnicas, como todas as demais, não importam na fixação de tipos físicos separados entre si, mas importam em distinções (...) que terão repercussões na vida psicológica e cultural. O *homem brasileiro* é um tipo físico em formação, cujas diferenciações tendem a desaparecer com o progresso das comunicações

internas e com o fortalecimento da unidade política. (...) A preservação da unidade política é, por isso mesmo, um dos pontos capitais para a preservação da unidade cultural. (...) Essa unidade política tão pouco se baseava num espírito de unidade mecânica, tanto assim que a tradição federalista é um dos dados constantes de nossa história ao par da tradição unitária e centralizadora... sempre o movimento pendular entre a unidade e a variedade, entre a consciência do todo histórico a preservar e os anseios de libertação parciais, provocados em grande parte pelo desnivelamento natural do ritmo do progresso. (...) Unidade e variedade na natureza física, na formação étnica, nas condições econômicas – em todos os fatores de ordem física, fisiológica e social, que fornecem os elementos para esse ritmo de *complementaridade* que é o resultado dessa, nem sempre harmoniosa combinação de tendências distintas, mas não contrárias e, muito menos, incompatíveis.» [ILB, 1956: 149-151].

O mais curioso nesse procedimento oscilante do autor é que, logo depois dessas reflexões mais matizadas e de algum modo retificadoras, sem maiores explicações, ele solicita vênias ao leitor para inserir o texto da conferência que constitui o objeto do meu estudo. Retorno, pois, a ela.

Portanto, tomado como balizamento do seu esforço para caracterizar a nossa diferenciação psicológica, daí para frente ele emprega esse quadro tripartido das supostas três grandes famílias tipológicas do homem brasileiro, quadro que na verdade se reduz aos dois eixos principais – Litoral e Sertão, e Norte e Sul – que estruturam o espaço analítico com que a nossa *tradição afortunada* pretendeu dar conta da problemática ou da aporia ôntica da brasilidade.

Assim, sob a rubrica que opõe Litoral e Sertão, ele inicia o seu esboço com a seguinte justificativa: «Essa, a meu ver, é a primeira

das grandes divisões psicológicas brasileiras. O litoral e o sertão representam as duas faces mais gerais de nossa alma coletiva e cada uma delas se revela num determinado tipo psicológico que pode ou não corresponder, de fato, à posição geográfica...» [p. 222] Ao que ele acrescenta este comentário que invadida parcialmente sua primeira premissa: «Assim também pode o homem que habita o litoral possuir uma alma sertaneja, como pode o filho do sertão ser dotado de uma alma litorânea.» [ibid.].

Recheando o seu discurso de reflexões e digressões por vezes líricas, ele procede então à fixação de caracteres do que ele acredita ser **O homem do Litoral**, e que resumirei esquematicamente. A primeira característica desse suposto tipo litorâneo brasileiro é, em sua opinião, seu **espírito navegante**: «a proximidade do mar e o apelo dos horizontes contribuem, por certo, para dar, desde logo, ao praieiro... o amor das viagens. (...) Nós, praieiros, bem conhecemos dentro de nós esse instinto da navegação, que nos faz sempre saudosos de qualquer coisa de misterioso que o horizonte oculta...» [p. 223]

A esse feitio de navegantes que os praieiros possuíam ele acrescenta sua segunda característica: o seu **espírito universalista**. Mesmo que absorvidos em suas preocupações profissionais e os cuidados de toda ordem, «quem de nós, praieiros, deixa de manter sua inteligência em contacto perene com as coisas do universo, com os problemas de outros céus, com o que se passa, e, sobretudo, o que se pensa em outros continentes. Somos, naturalmente, voltados para o universal, como vivemos voltados para o oceano e nostálgico de outros ambientes.» [p. 224].

Quase como um corolário que mal se distingue desse segundo atributo, segue-se o terceiro: a **nostalgia do exotismo**, «que é outro traço bem particular do brasileiro litorâneo. Somos os importadores de idéias e de

modas... imitadores do estrangeiro... aspiradores da cultura universal. Vivemos, por isso mesmo, dilacerados, como dizia Joaquim Nabuco, entre o coração que nos prende à terra e a inteligência que nos leva ao mundo, entre Massangana, recordada com ternura, e a Via Appia evocada com fervor.» [ibid.].

Em consequência disso, outro traço distingue o brasileiro do litoral: a **acessibilidade às idéias novas**. Quanto a isso, o autor lembra que Cícero, referindo-se a Cartago, já chamava a atenção para o fato de serem as grandes cidades litorâneas perigosas para a estabilidade de um povo, visto que, além de mercadorias, importam idéias e modas: «É o que a cada instante fazemos nós, os do litoral, que temos a alma sempre aberta ao espírito dos tempos...» [ibid.].

Antes de ir adiante, não gostaria de deixar passar a oportunidade de fazer um reparo a esse perfil do que seria o nosso **homem litorâneo**, sobretudo quanto a essas duas últimas características: face a existência de inúmeros habitantes do nosso litoral que não apresentam tais atributos, é quase impossível não ver aí a visão própria de determinadas classes sociais e, mais genericamente, a situação típica de elites colonizadas, e não traços próprios de nosso praieiros, como diz o autor.

A quinta característica é introduzida sem descontinuidade mediante esta observação: «e com esse amor às peregrinações ideológicas que tanto concorre para a instabilidade do nosso pensamento, – pois é sobretudo ao homem do litoral que o Brasil deve o seu confusão mental – vem somar-se o **gosto pela aventura**.» [p. 224] A isso ele ajunta logo a seguir o seguinte comentário: «A instabilidade do pensamento e toda esse acessibilidade ao largo, que distinguem os praieiros, traduzem-se também no amor às mutações sociais, que tem feito sempre das nossas revoluções movimentos litorâneos e mais, creio eu, pelo gosto da aventura política ou social

do que mesmo pela vontade profunda de mudar. Tanto assim que as revoluções pouco duram geralmente e, sobretudo, pouco alteram, em profundidade. O importante, quase sempre, é mudarem as formas e as aparências.» [p. 225].

A esse gosto pela aventura, ele propõe como sexto atributo do homem do litoral a **ten-
dência ao progresso**, e afirma que, no Brasil, é o litoral que o leva para frente e o leva, muitas vezes, em desordem e sem critério.

Vinculado a esse espírito de progresso, vem outro corolário, segundo ele, bem litorâneo, posto que existente por toda parte: o **espírito do lucro**. Mas no mesmo passo reconhece ser este um dos traços menos particulares da psicologia do brasileiro e que, mesmo no litoral, isso é mais do estrangeiro que do nosso homem, visto que é rara a avidez do lucro no brasileiro autêntico, pois, ao contrário, o desinteresse econômico é das suas características mais determinantes.

Eis aí inegavelmente, neste item, uma demonstração clara da forma inconsistente desse esboço e de seu modo hesitante de argumentar. Talvez por isso, logo em seguida, afirme que «para compensar esse traço sombrio», indica «uma linha poética de evasão: o **lirismo**». Em seu entender, «conseqüência dessas notas de aventura, nomadismo ou nostalgia, nada de mais natural que literariamente se traduzam nesse feitio psicológico, ..., no sentimentalismo poético, ..., na doçura da língua, ..., ou na eloqüência oratória.» [pp. 225-226].

Com isso ele encerra «esse complexo psicológico» em que, segundo lhe parece, estão contidos os pontos salientes desse tipo litorâneo, e passa a retrair o perfil que seria próprio do **Homem do Sertão**, ou da alma sertaneja, como ele diz. Assim, o primeiro traço que lhe chama a atenção de «praieiro» é a sua **reserva natural**, e sua **natural desconfiança**. Mas, desde logo, sustenta que tal

traço coexiste, por certo, «com uma **hospitalidade** proverbial que é quase um ponto de honra e uma susceptibilidade sempre viva do homem do interior». [p.226].

Na mesma seqüência de argumentação ele passa ao seu terceiro traço com estas palavras: «E por isso mesmo que mais próximo à terra, que prende o homem no ponto onde se estabelece, do que ao mar, [sereia]⁸ que o convida para as peregrinações sem fim, há no filho do sertão **um espírito mais intenso de brasilidade**, de americanismo, em contraste com o espírito universal dos praieiros.» [ibid.]. A isso ele ajunta este conselho: «*Nada de mais útil a nós, filhos do litoral, do que umas viagens periódicas ao interior da nossa terra, para retemperar, nas fontes nativas, as forças de vida solicitadas por tantas correntes estranhas, de idéias e sentimentos, que batem pelo litoral a fora.*»

Este parágrafo me parece representativo do conjunto da argumentação do autor e significativo como expressão do seu estilo cognitivo. Por isso mesmo foi modificado na versão do seu *ILB*, como para dar mais ênfase retórica aos aspectos em que assenta o seu pensamento: a **terra** fixa; o **mar** evade; portanto, é naquela que se acham as raízes da brasilidade, em contraste com o cosmopolitismo do homem do litoral. Ora, essas mesmas idéias constituem o horizonte ideológico de várias gerações de escritores brasileiros e afirmações quase idênticas já podem ser encontradas mesmo num crítico como Sílvio Romero. Não esqueçamos, por outro lado, que o primeiro livro de Alceu Amoroso Lima foi sobre a obra literária de Afonso Arinos, a quem dedicava uma admiração profunda. Enfim, parece mais ou menos evidente que o seu argumento não ultrapassa a superfície da realidade e expressa muito mais uma óptica de classe. Voltemos ao texto da conferência.

Eis que ele encadeia à afirmação anterior esta outra que introduz o quarto traço

deste tipo psicológico: «E com isso, ao contrário do espírito progressista dos praieiros, encontramos no sertanejo o **espírito rotineiro**, ou, pelo menos, **conservador**. O medo da mudança põe-se em contraste com o medo de não mudar bastante dos litorâneos.» [pp.226-227].

Sem descontinuar, vem o traço seguinte – o **espírito de ordem**, ligado ao espírito conservador antes assinalado, e que faz com que o homem do sertão seja «disciplinado por natureza», possua uma «família estável e um apego imenso à sua terra». [p. 227].

Nessa seqüência de contrastes que distingue o sertanejo em relação ao praieiro, o autor aponta outra das suas qualidades psicológicas, que é a sua **tenacidade**: «sóbrio nas exigências, mas de uma pertinácia invencível nos seus propósitos, quer pouco, mas quando quer, quer». [ibid.].

E tal como num sorites, o autor aponta a derradeira marca psicológica do homem do sertão: «como o contacto com a terra traz ao sertanejo um carinho todo particular por ela, também se traduz no homem culto do interior, e naqueles que, mesmo praieiros, possuem a alma sertaneja, por **uma expressão literária, carregada de eflúvios do meio, rude e despenteada, saborosa, espontânea, bárbara e colorida**».

Ao que, para concluir esta parte relativa ao primeiro eixo analítico, ele junta o seguinte comentário ilustrativo: «*Se quisermos traduzir em figuras de nossas letras essas duas almas do nosso povo poderíamos citar Euclides da Cunha como símbolo da alma do sertão e Machado de Assis como símbolo da alma litorânea. Uma terceira categoria, a dos solicitados, a um tempo, pelo coração da terra e pela sedução transoceânica, é por ventura a mais numerosa, poderia ter como padrão Joaquim Nabuco ou Afonso Arinos, que viveram quase sempre longe da gleba natal, mas quase sempre também com a nostalgia dela.*» [pp. 227-228].

No que tange ao segundo eixo – *A Cidade e o Campo* – que compõe o seu quadro das diferenciações psicológicas que estruturariam em nosso povo seus tipos básicos, o autor explica que será breve porque a distinção entre o homem da cidade e o homem do campo não remete a «uma qualidade tão somente nossa, mas universal». [p. 228]. Com efeito, ele se limita a indicar atributos que acredita encontrar nos brasileiros das cidades e, em especial, das grandes cidades, pois em seu entender as vilas são um prolongamento dos campos: «o timbre do **cosmopolitismo**; e com esse espírito cosmopolita do brasileiro urbano, vêm o «espírito de **cultura** e de **imprevidência**, de **aspiração burocrática** e de **sibaritismo**». Ele encerra essa caracterização com a seguinte frase: «tudo isso poderia ser estudado com uma observação mais atenta» [p. 229].

O aspecto mais curioso neste tópico reside no comentário que o autor faz ao primeiro atributo, quando lembra que, modernamente, um fenômeno marca um contraste notável entre duas gerações, ou seja, «o cosmopolitismo dos brasileiros dos grandes centros, no século passado, era bebido na civilização européia» que, «em matéria política, literária, econômica foi a nossa grande mestra»; mas que, hoje em dia, constata-se uma dupla sedução cosmopolita a atuar particularmente sobre as novas gerações: o *yankismo* e o *sovietismo*. Até aí a coisa pode parecer uma constatação banal. O que chama a atenção é este comentário que se segue: «*Felizmente que, para escárnio daqueles que a julgavam esgotada, vai a Europa ressurgindo dos seus próprios erros, e a mais moderna das nossas doutrinas políticas – o **integralismo** – foi buscar o seu nome em Portugal, e as linhas gerais de sua teoria na Itália, o que vem incidentemente demonstrar um sadio renascimento da latinidade, que se julgava vencida para sempre pela civilização anglo-saxônica. Tais são*

os *imprevistos da História*.» [p.228]. Importa assinalar que todo esse trecho de elogio ou referência ao *integralismo*, como via de superação ou saída dos dois cosmopolitismos mencionados, foi inteiramente supresso na versão deste ensaio incluída dez anos depois como capítulo em seu *HP* [1944: p. 102], ao passo que mais tarde, na outra versão que vem reproduzida em seu *ILB* [1956: p. 160], o trecho citado foi devidamente remanejado de modo a omitir mais uma vez a referência ao integralismo.⁹ Significativa mutação!

Voltemos ao esquema. No brasileiro do campo ou das vilas, o autor sustenta que, ao contrário desse espírito cosmopolita, encontraríamos «um apego mais concreto à sua terra, um interesse mais grave pelas nossas coisas, uma participação mais intensa nos destinos da Pátria, um tradicionalismo maior» [p. 229]. Caracterização que parece, pois, excessivamente idealizada.

E com isso ele passa de imediato à terceira das diferenciações apontadas: a que existe entre *O Homem do Norte* e *O Homem do Sul*.

Interessa assinalar a reflexão crítica com que abre este tópico: «Bem sei, também, quanto é precário esse critério e que, para ser mais rigoroso, deveríamos fazer não uma dupla, mas uma tríplice distribuição, pois só o cearense ou o pernambucano, e o riograndense ou o paulista são tipos psicológicos que podem corresponder ao contraste Norte – Sul. Já o mineiro ou o carioca e, de certo modo, o baiano, exigiriam uma terceira classe – a do *centro*. Pois a Bahia é o pórtico do Norte, como o Rio é o começo do Sul. E Minas é o grande elemento de equilíbrio da nacionalidade e a psicologia mineira é a da ponderação, da prudência, da serenidade, do recato, que fazem do povo montanhês o traço de união entre as grandes famílias psicológicas do povo brasileiro.» [*ibid.*].¹⁰

Isso posto, passa o autor à caracterização do *Nortista*, retomando o esquema sim-

plificado cujo critério acabara de criticar: «Para nós, sulistas, ou centristas, o que desde logo ressalta no filho do Norte é o **ardor das atitudes**, o entusiasmo, a vibratibilidade, a exaltação.» [pp. 229-230]. Na sua opinião, «a esse predomínio dos nervos sobre o coração e sobre a razão correspondem, naturalmente, na vida social, essas **oposições violentas de atitudes** que no Norte caracterizam a vida política, como na vida artística... Oposições de opiniões, de partidos, de idéias, de cores, tudo é bem frisado na psicologia do nortista que... só conhece os lugares de sol e de sombra. O Norte ignora a penumbra...» [p. 230]. Daí introduz ele o terceiro traço: «A essa vida contínua de contrastes que torna, aqui, as revoluções sangrentas e separa, por um ódio inevitável, os homens em partidos, famílias ou convicções, (...) corresponde, literariamente, **um amor tocante às lucubrações intelectuais**, que, por vezes, degenera numa predileção pelas atitudes oratórias e pelos tropos da retórica. (...) O brasileiro do Norte... empolga-se nos grandes arroubos da eloquência e devota-se, politicamente, às personalidades fortes. (...) O nortista, em política, não se deixa levar por idéias e sim por pessoas. (...) só o romantismo ou a oratória podem satisfazer a alma rumorosa do filho do Norte.» [pp. 230-231]. E como para compen-sar o retrato esboçado, o autor junta este comentário: «E se nos choca, por vezes, a nós, filhos do Centro e do Sul, essas oposições violentas, esses ardores vibrantes, nada de mais necessário do que conhecermos de mais perto e com maior intimidade *todas essas manifestações representativas da verdadeira brasilidade...*» [p. 231].

A despeito da eloquência de seu estilo, o autor parece esquecer que, em vários desses aspectos apontados, essa coisa supostamente homogênea aqui chamada de “homem do Norte” dificilmente se reconheceria como tal; assim como ele parece apagar da memó-

ria que a produção romântica nos veio particularmente da Corte, do mesmo modo que nossos caudilhos vieram sobretudo do Sul. Como quer que seja, aliás, essas características não passam de estereótipos impressionistas, mas que documentam uma etapa do pensamento brasileiro.

Enfim, o autor completa a pintura psicológica do “homem do Norte”, afirmando que este é «o homem dos grandes horizontes, da psicologia em ordem aberta, da **alma “extrovertida”**...» [ibid.]. E a isso ele ajunta o seguinte comentário: «Falei nas revoluções sangrentas do Norte, como uma das consequências da alma ardente de seus homens... E caberia aqui... uma referência de como o homem do Norte e o do Sul interpretaram o último movimento revolucionário. Para o Norte a revolução de 1930 foi um 13 de Maio, par o Sul, um 15 de Novembro. No Norte considerou-se a revolução, realmente, como uma mudança radical de instituições e de idéias, e não apenas de homens. No Sul foi ela recebida muito mais como uma deslocação de pessoas.» [pp. 231-232]. Essa observação, acrescento eu, apesar de instigante, parece contradizer o conjunto do argumento. De todo modo, a distinção que o autor sustenta neste ponto não se restringe a uma manifestação de diferença apenas *psicológica*, visto que constitui muito mais uma diferenciação objetiva de circunstância ou conjuntura, de situação política, econômica e cultural dessas regiões.

Em seguida, por contraste, *o homem do Sul* se caracteriza por ser **reservado** e sóbrio de palavras, e por sua **frieza**, ao menos aparente, «transtorna o ardor do homem do Norte». Neste ponto, o autor sugere que seria curioso explorar essa distinção tipológica por uma nota pitoresca a propósito dos *portões*, pois, em sua opinião, quem confrontar os portões de São Paulo, do Rio e da Bahia, obterá uma imagem imperfeita mas graciosa

dessas três psicologias (sul, centro e norte): «as residências em São Paulo conservam em regra os seus portões fechados *a chave*... e mesmo a *cadeado*. No Rio, ou em Minas, conservam-se os portões fechados, mas em regra *sem chave e nunca com cadeado*. Na Bahia, ... quem atentar para os gradis do Corredor da Vitória verá que mais da metade dos portões estão abertos ou *entreabertos*. Compare-se essa observação, com a reserva paulista, o equilíbrio carioca ou mineiro e a expansividade baiana e veremos que a psicologia dos portões pode ajudar-nos a compreender alguma coisa da alma brasileira em sua *variedade harmoniosa*.» [ibid.].

Essa página, recheada de impressionismo ligeiro e com sua curiosa psicologia dos portões, constitui no entanto significativo indicador do estilo cognitivo de uma época de nossa tradição letrada, sem rigor analítico e polarizado pelo pitoresco ou o exótico. Sem pretender avançar um julgamento sobre o valor e a consistência de sua obra, força é reconhecer que será um estilo semelhante que fará o sucesso da sociologia de um Gilberto Freyre, mais ou menos na mesma época desta conferência.

Enfim, em sua caracterização do sulista, acrescenta o autor que, à sua reserva psicológica e à sua frieza soma-se grande tendência às **atitudes médias**, e acomodadas; nota-se nele certa ironia e tendência à conciliação: «por isso mesmo, em contraste com a facilidade insurrecional do nortista, há, no homem do Sul¹¹, muito mais tendência conservadora, muito mais receio das mudanças sociais. (...) A análise psicológica do sulista ainda nele nos revela o homem que faz preponderar a razão sobre o coração, ..., a ação ponderada sobre a agitação. É do Sul que vem o espírito de plano e de construção para a nacionalidade – ao passo que o Norte nos proporciona os elementos de fibra e vitalidade, de instinto brasileiro e de arrebatamento cívico.» [p. 233].

É interessante observar aqui como esta descrição dos dois tipos psicológicos contradiz em parte a posição do autor quando formulava sua tipologia a propósito do eixo Litoral – Sertão; por outro lado, nesse procedimento de contrastes dos atributos, quase sempre a alternativa mais favorável está com o homem do Sul.

Sem querer alongar «esses traços diferenciais de grupos, raças ou posições geográficas do nosso povo», para concluir a sua exposição, o autor passa a indicar aqueles atributos que lhe parecem «mais típicos do homem brasileiro em geral», que remete para a «unidade do Brasil», a fim de completar a variedade antes apontada. Como isso pode ser encarado de vários pontos de vista, o autor passa sumariamente sobre a perspectiva histórica, a política, e o ângulo moral e religioso, para afirmar que «todos os traços que, hoje, encontramos na psicossíntese do povo brasileiro são derivados preliminarmente da sua formação religiosa», e indagar enfim sobre quais «traços parecem ser esses que já podemos distinguir *em geral* na psicologia do nosso povo» [p. 234].

Deste ponto ao final de sua conferência, o autor limita-se a indicar alguns desses traços, «que se poderiam dividir, para sermos fiéis à realidade, em *qualidades e defeitos*» [*ibid.*]. Antes, porém, de apresentá-los a seguir resumidamente, gostaria de destacar o fato de que essa tendência a nos retratar mediante listas que confrontam nossos supostos atributos positivos e negativos constitui algo mais ou menos permanente em nossos estudiosos. Assim, vamos encontrar exercícios de construção dessas listas em Sívio Romero, Paulo Prado, Affonso Arinos de Mello Franco [1936], Arthur Ramos, Fernando de Azevedo [1958], etc. Wilson Martins, aliás, assinala isso quando ao lembrar que Plínio Salgado – nesta mesma década de 30 em que o nosso autor fez sua conferência – estabeleceu, em *A Psi-*

ciologia da Revolução, dois decálogos paralelos e simétricos, enumerando, de um lado, os “caracteres negativos” e, de outro, os “caracteres positivos”. E acrescenta maliciosamente Wilson Martins:

«Estabelecer a lista dos nossos “defeitos” e “qualidades” sempre foi passatempo predileto dos brasileiros, no pressuposto subentendido de que as últimas certamente contrabalançam os primeiros.» [1978:560].

Entre as qualidades, AAL menciona em primeiro lugar a *polidez*. E em meio a comentários idealizados de nosso caráter ele assevera: «O povo brasileiro é o povo mais delicado do mundo. E os nossos ajuntamentos, aqui, podem, por vezes, atingir centenas de milhares de pessoas, (...), sem que haja um só conflito. E não apenas nas festas religiosas, mas ainda nas de cunho pagão, como o Carnaval...» [235]. Logo se segue: «A *bondade* é outro sentido fundamental da psicologia brasileira. (...) É que somos, realmente, por uma inclinação natural à bondade, levados a perdoar todas as injustiças...» [pp. 235-235]. Em seguida assinala ele que também não é menor em nossa gente o sentimento de *hospitalidade* – e junta um comentário esparado sobre essa terceira de nossas qualidades, comentário que estranhamente, ou sensatamente, retirou na versão do texto que vem em *HP* [p. 112]. Algo semelhante ocorre também com a indicação da qualidade seguinte: «Outro traço bem característico do brasileiro, e que aparece mesmo como corolário desses que já deixamos indicados, é o *desinteresse econômico*. O brasileiro não liga ao dinheiro. Só quem conhece o espírito de avidez e de economia de outros povos, a luta pela vida transformada em luta pela riqueza, é que pode avaliar o grau de desinteresse do nosso povo...» [*ibid.*]. E vai em frente nesse gênero de observações. Esta indicação é omi-

tida inteiramente em *ILB* [p. 166], bem como parcialmente isso se dá com o comentário que se lhe segue, que aparece ainda significativamente alterado em *HP* [112]. Enfim, ele conclui essa parte positiva de sua lista com este reparo: «Poderia ir, assim, examinando outros traços absolutamente típicos das nossas qualidades, que são essencialmente qualidades *morais*, mais que sociais. O povo brasileiro tem uma noção espontânea muito viva da subordinação dos valores materiais aos valores morais. E isso o distingue de modo todo particular.» [pp. 236-237].

Na parte que se refere aos “nossos defeitos coletivos”, o autor é inteiramente lacônico, limitando-se a listá-los como segue: a **falta de continuidade nas atitudes**, a facilidade com que **imitamos o estrangeiro**, a tendência à **moleza** e a indiferença, a **superficialidade** [este foi acrescentado em *ILB*, p. 167], a **impontualidade**, a subordinação do principal ao acessório, a tendência à salacidade [*devassidão*]. Mas o curto comentário que se lhes segue foi retirado das duas outras reproduções desta conferência.

O autor encerra a sua exposição com uma série de considerações, em acentuado tom moralizante, acerca das tendências em conflito em nossa civilização do *individualismo*, da *força* e da *riqueza*; para em seguida fazer o elogio dos valores mais puros da latinidade, dizendo que apesar de tudo o século XX oferece ao Brasil e às suas qualidades culturais, morais e espirituais uma oportunidade única na história, para fazer de nosso país e da América um continente do futuro, como previu para nós Keyserling com muita perspicácia; arrematando o seu discurso com estas palavras: «que o Brasil só será grande, se não trair o seu passado católico, que o Brasil só será forte se não trair a espiritualidade da sua alma, que o Brasil só será universal se nunca deixar de ser brasileiro.» [p. 239].

Pouco espírito crítico, alguma nostalgia romântica, uma retórica mais ou menos ufanista e triunfalista que lhe inspira o seu catolicismo da época e seu *élan* de neoconverso, a despeito do seu esforço no sentido de tentar um balanço geral dos traços de nossa psicologia coletiva e dos nossos supostos “defeitos” e “qualidades”, o retrato que daí resulta é nitidamente risonho e franco, mas que, rebatido sobre o pano de fundo de nossa realidade atual, chega a parecer fictício ou candidamente inocente.



É hora de concluir este estudo e dizer algo a respeito do caráter inconcluso deste projeto que perseguiu Alceu Amoroso Lima por um longo período de sua vida de intelectual empenhado em sua missão. De fato, por que ele não teria terminado o projeto que acalentou por tanto tempo e que constituiria o volume 30 de suas “Obras Completas”: *O Homem Brasileiro* – título anunciado que desaparece estranhamente sem explicações, salvo a do próprio silêncio.

Mais constrangedora parece essa situação quando a confrontamos com o fato de que ele realizou uma interpretação de conjunto dos EUA que, evidentemente, conhecia muito menos que seu próprio país longamente estudado com a generosidade e a lucidez de seu espírito. De fato, distribuído sistematicamente em temas como “a paisagem”, “o homem”, “a educação”, “a economia”, “a política”, “a cultura” e “a religião”, ele nos deu um excelente retrato daquele país no seu *A Realidade Americana: ensaio de interpretação dos Estados Unidos* [1955].

Por outro lado, anteriormente a esta, Alceu Amoroso Lima já havia produzido outra tentativa de ensaio interpretativo de nossa realidade no seu livro *Voz de Minas: ensaio de sociologia regional brasileira* [1946]. Tra-

balho bem mais consistente e mais amplo do que os esforços que realizara antes deste. Só que agora mais restrito ou limitado em seu campo de aplicação, conforme anuncia seu subtítulo. No prefácio desta obra, ele voltava a anunciar claramente o seu plano de um dia realizar uma interpretação de conjunto do Brasil:

*«As páginas que hoje entrego à publicidade **constituem parte de um projeto mais vasto**, que só Deus sabe se um dia poderei levar a termo. Trata-se de **um ensaio geral de sociologia brasileira** subordinado ao título coletivo: “As Vozes do Brasil”. Seriam a voz do Norte, a voz do Sul, a voz do Litoral, a voz do Sertão e a voz do Centro. Deixo hoje falar a voz do Centro, uma delas pelo menos – a da Montanha. Não ignoro quanto há de arbitrário neste gênero de composições sociológicas. Por mais que procure apenas reproduzir o que consigo escutar da voz de Minas, bem sei que muito de impressionismo se contém no âmago desta tentativa de interpretação. (...) E se puder reproduzir as cinco vozes que ouço, por meu coração e por minha observação, nas cinco partes representativas de nossa terra, será o Brasil, tal como o compreendo e como o sinto que tentarei fixar na obra toda.» [p. 9 – grifado por mim]¹².*

Seria de interesse sublinhar aqui uma característica diferenciadora deste estudo: a ênfase é posta agora num aprobe mais sociológico. Pelo menos no plano de sua intenção explícita. Na verdade, porém, perdura a mesma dominante inclinação a elaborar uma psicologia impressionista do povo brasileiro, tanto no projeto geral que volta a anunciar, quanto nesse trabalho dedicado à região de Minas Gerais.

Mais adiante neste mesmo prefácio, o autor fornece uma reflexão que talvez contenha a sugestão de uma pista para a indagação

que conduziu este meu estudo: *«Quanto mais vivo, mais sinto a precariedade de todas as previsões e de todas as leis históricas, econômicas, políticas ou culturais. Mais compreendo a afirmação chestertoniana de que só há uma lei invariável na história humana – o imprevisto.»* [p. 10].

Eu poderia ainda garimpar em várias de suas obras as inúmeras reflexões que ele disseminou sobre o Brasil, a fim de com elas compor o seu retrato ainda que fragmentado; isso, porém, excederia os propósitos limitados deste trabalho. Além disso, desde seus escritos iniciais – e, dentre estes, importa assinalar seu lúcido ensaio de 1924, intitulado «Política e Letras» [1981] –, passando pela tentativa expressa na conferência aqui examinada e por seus vários desdobramentos ulteriores já referidos, seu pensamento e interesses temáticos foram sofrendo mutações, do mesmo modo que o Brasil passou por inúmeras e profundas transformações, as quais alteraram muitas certezas do passado e ampliaram a problemática de sua realidade e de seu enigma. Portanto, o autor, observador atento e competente deste cenário em mutação incessante, modificou também, profundamente, o seu olhar. Seriam essas as razões e a prudência ou parcimônia que alimentaram o seu silêncio?

NOTAS

¹ Na feitura deste trabalho, o autor tem o apoio de uma Bolsa como Pesquisador 1-A, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Para facilitar as referências no corpo do trabalho, estas três fontes principais serão mencionadas pelas siglas entre parênteses: *RIGHB*, *HP*, *ILB*, respectivamente.

³ Numa nota prévia à biografia que dele escreveu, Antônio Carlos Villaça faz as seguintes anotações a

propósito de sua morte: «Faleceu às 18:10 de 14 de agosto de 1983, domingo... E era a véspera do quinquagésimo quinto aniversário de sua conversão ao catolicismo. (...) Em Petrópolis, ao cair da noite, na cidade que tanto amou. Em Petrópolis, casou-se. Em Petrópolis, morreu Dona Maria Teresa [sua mulher]. Em Petrópolis, escreveu o primeiro artigo assinado Tristão de Athayde. Em Petrópolis, morreu. E era agosto, um mês muito dele. Em agosto, casou-se. Em agosto, converteu-se. Em agosto, foi eleito para a Academia. No meio de agosto, morreu.» [1983: 5].

⁴ Em suas *Memórias Improvisadas*, Alceu Amoroso Lima revela que bebeu essa concepção distributiva, como teoria sociológica e econômica, em Chesterton, que o apresentava «como uma síntese do que havia de bom nos dois sistemas antitéticos [capitalismo e comunismo], procurando com isto ultrapassá-los. (...) Esta teoria, que [eu] iria mais tarde redescobrir em Alberto Torres, chamava-se *distributismo*.» [1973: 140].

⁵ Penso ser óbvio que não foi minha intenção, nas notas acima, produzir uma imagem inteiriça da figura humana e cultural de Alceu Amoroso Lima, e muito menos concebê-la sem perspectiva histórica. É claro que em sua longa trajetória intelectual ele enfrentou vicissitudes e transformações, que o levaram na sua fase mais madura a uma nítida posição progressista em favor das liberdades e dos direitos humanos, para usar uma fórmula breve. Todavia, o período relativamente longo que se segue à sua conversão está povoado de opções conservadoras, mais à direita, com uma fase de aproximação do *integralismo*, em virtude de sua adesão à Igreja, quando esta oferecia suporte para tais posicionamentos. Ele próprio, inúmeras vezes, confessa esse percurso e faz sua autocrítica, assim como, em seu livro *A Europa de Hoje* (1951), sublinha criticamente o equívoco da Igreja (e de boa parte das nações ocidentais) que, por temor do avanço comunista, manteve-se ambigualmente ao lado de regimes fascistas e nazistas, quando não claramente a seu favor.

⁶ É interessante assinalar que, na densa correspondência que manteve com o historiador português, João Lúcio de Azevedo, em carta de 16 de julho de 1920, Capistrano de Abreu registra com estas palavras a presença do jovem crítico, referindo-se ao mencionado artigo: «*O Jornal* leva-lhe um artigo de Trist. de Ataíde, moço, formado em direito, diretor de companhia, casado com a filha de um milionário. Seu verdadeiro nome é Amoroso Lima. Não o conheço. Não enviei o artigo ao Rangel, porque naturalmente algum amigo terá tido o cuidado.» [Cf.: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: MEC – INEP, 1954, vol. II, p. 166.

⁷ Quero aqui agradecer ao meu caro amigo, o professor José Calasans, que me socorreu quanto a esse texto, enviando-me de Salvador a cópia que utilizo neste estudo.

⁸ Este termo foi ajuntado pelo próprio autor ao original, na versão que vem **in**: *ILB*, 1956: 158.

⁹ Cf.: «Felizmente que, para escárnio daqueles que a julgavam esgotada, vai a Europa ressurgindo dos seus próprios erros. É na França e na Itália, na Inglaterra e na Alemanha, como nos dois extremos, a Península Ibérica e a Rússia, que o Novo Mundo está nascendo, das lutas e perplexidades de um século, em que se estão defrontando as correntes mais contraditórias do pensamento e da história.» [*ILB*, 1956: 160].

¹⁰ Na versão que vem em *HP*, parte do trecho citado, entre “tríplice distribuição” e “ao contraste Norte – Sul”, foi modificado para: «*pois só de Pernambuco para cima e de São Paulo para o sul, encontramos tipos psicológicos correspondentes...*» [p. 103]. Mas o texto foi retomado tal e qual o original **in**: *ILB* [p. 160].

¹¹ Na versão que vem em seu *HP*, o autor corrige seu texto, neste ponto, para: «no homem do Centro (pois no extremo sul já intervêm outros fatores)» [p. 108].

¹² É significativo assinalar como essa metáfora das “vozes” já habitava o seu espírito desde muito tempo. Na sua *Antologia de Poetas Brasileiros Bis-*

sextos Contemporâneos [Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946], Manuel BANDEIRA, depois de uma nota biográfica sobre Tristão de Athayde, nos dá um trecho de curioso poema seu cheio de alegorias e alusões à nossa gênese, antecedendo-o com este comentário: *«Escrevendo a respeito de uma bela página sua de reminiscências – o “Intermezzo da Casa Azul” [esta era a chácara paterna onde Alceu Amoroso Lima viveu a sua infância no final do século passado, nas Laranjeiras, acrescento eu] – falou Tristão de Athayde da alegria que sentiu ao terminá-la: “como se tivesse alcançado a tradução de um mistério que devia ser trazido do fundo da consciência para a luz”. Eis aí uma boa definição de poesia. Tristão de A. Athayde realizou-a no “Intermezzo” e de maneira formalmente intencional no poema de que damos a seguir o melhor fragmento.*

VOZES

*Ouço a Voz ou antes muitas vozes
Que já não chegam mais dos outros tempos
Nem vêm cheirando mais a maresia,
Mas trazem nos cabelos os perfumes,
Nas mãos as flores, nos olhos o mormaço,
– Pois são vozes que têm corpo e que têm alma –
Nos lábios o queixume, em tudo o encanto,
A dolência da terra brasileira.*

*Chegam de manso, chegam de mansinho,
Afiagam meus cabelos,
Afloram minbas mãos,
Fecham meus olhos com seus dedos finos
E deixam nos meus lábios um sabor
Que não sei se é de morrer ou de viver,
Que não sei se é de Anhangá ou do meu Anjo.*

*Esta é a voz do rio que coleia,
Aquele a voz da tarde,
Esta vem do fundo da floresta,
Do negro cipoal impenetrável,
Aquele vem dos tépidos banhados
Em que a Manhã passeia em manto de borboletas*

*E a Noite consigo arrasta a cauda de vagalumes.
Vozes dos coqueirais das praias do Norte,
Vozes das carnaúbas,
Vozes das embaúbas,
Vozes dos canaviais cantando com o vento,
Vozes dos pássaros de lenda, nas florestas que nunca vi,
Vozes dos tatus noturnos do alto do Macabu,
Vozes das chinas do Sul,
Das malvadas do Norte,
Dos jangadeiros, dos tropeiros, dos vaqueiros,
Daqui, dali, de lá, de cá,
De não sei de onde,
De todo o Brasil,
Vozes...» [pp. 207-208].*

BIBLIOGRAFIA

a) Algumas obras de Alceu Amoroso LIMA

- 1934 «Psicologia do Povo Brasileiro», *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n.º 60, pp. 119-139.
- 1942 *Pela União Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- 1944a *Humanismo Pedagógico*. (Ensaio de filosofia da Educação). Rio de Janeiro: Stella Editora.
- 1944b «Grenças e Convicções», **in**: *Testamento de uma Geração* (20 figuras da intelectualidade brasileira prestam o seu depoimento no inquérito promovido por Edgar Cavalheiro). Porto Alegre: Livraria do Globo, pp. 259-270.
- 1946 *Voz de Minas*. (Ensaio de sociologia regional brasileira), 2ª ed.. Rio de Janeiro: Agir.[1ª ed.: 1945].
- 1948 *Primeiros Estudos*. Contribuição à história do modernismo literário – I. O pré-modernismo de 1919 a 1920. Rio de Janeiro: Agir.
- 1950 *Mensagem de Roma*. Rio de Janeiro: Agir.

- 1951 *Europa de Hoje*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1953 *Idade, Sexo e Tempo*. (Três aspectos da psicologia humana). Rio de Janeiro: Agir. [1ª ed.: 1937].
- 1954 *A Estética Literária e o Crítico*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1955 *A Realidade Americana*. (Ensaio de interpretação dos Estados Unidos). Rio de Janeiro: Agir.
- 1956a *Introdução à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1956b *O Existencialismo e Outros Mitos do Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1956c *O Problema do Trabalho*. (Ensaio de filosofia econômica). Rio de Janeiro: Agir.
- 1956d *Política*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1956e *Introdução à Economia Moderna*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1956f *A Vida Sobrenatural e o Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Agir.
- 1964 *Revolução, Reação ou Reforma?* Prefácio de Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- 1973 *Memórias Improvisadas*. Diálogos com Medeiros Lima. Prefácio de Antônio Houaiss. Petrópolis: Vozes.
- 1981 *Política e Letras*, in: CARDOSO, Vicente Licínio (org.): *À Margem da História da República*, 2 tomos. Brasília: Câmara dos Deputados / EdUnB. [tomo II, pp. 47-79 – a primeira edição é de 1924].
- ANDRADE, Mário de:
1960 «Cartas a Alceu Amoroso Lima (1927-1929)», *A Ordem*, Rio, v. LXIII, n.º 4 e 5, abril – maio, pp. 22-41.
- 1974 «Tristão de Ataíde», in: *Aspectos da Literatura Brasileira*, 5ª ed. São Paulo: Martins, pp. 5-25. [O texto foi publicado originalmente em 1931].
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen:
1987 «A Fonte da Juventude – Observações sobre a *Europa de Hoje*, de Alceu de Amoroso Lima», *Religião e Sociedade*, Rio, 14 (3): 72-98.
- BARBOSA, Francisco de Assis (org.):
1984 *Memorando dos 90*. Entrevistas e depoimentos coligidos e apresentados por F. de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOSI, Alfredo:
1978 *História Concisa da Literatura Brasileira*, 2ª ed. São Paulo: Cultrix, p. 540.
- CARPEAUX, Otto Maria:
1967 *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, pp. 389-390.
- 1978 *Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Graal.

COMUNICAÇÃO & POLÍTICA (revista):

- 1983 «Debate com Alceu Amoroso Lima: “O Mundo mudou e mudei eu também”». V. 1, n.º 1, março/maio, pp. 5-22. [Entrevistador: Roberto D’Ávila; participantes: Otto Lara Resende, Carlos Eduardo Novaes, Célio Borja, Lígia Fagundes Telles e Darcy Ribeiro].

COUTINHO, Afrânio:

- 1980 *Tristão de Athayde, o Crítico*. Rio de Janeiro: Agir.

b) Obras sobre Alceu Amoroso Lima

ANDRADE, Carlos Drummond de:

- 1979 «A Um Contemporâneo: I / O Sábio Sorriso; II / Alceu na Safira dos Oitenta Anos», in: *Discurso de Primavera e algumas sombras [POESIA E PROSA – volume único]*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 745-747.

ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

- 1978 (revista): Número Especial, n.º 6, dezembro – «Alceu Amoroso Lima: 85 Anos/Homenagem ao Grande Brasileiro», pp. 201-320. [Escrevem: Ênio Silveira, Frei Betto (entrevista Alceu Amoroso Lima), D. Paulo Evaristo Arns, Hélio Pellegrino, Antônio Houaiss, Otto Lara Rezende, Oscar Nimeyer, Hélio Silva, Nelson Werneck Sodré, Otto Maria Carpeaux, Edgar da Mata-Machado, A. L. de Almeida Prado, Neusa Simões, Leonardo Boff].
- FRANCA, Mons. Leovigildo *et Al.*:
1943 *Alceu Amoroso Lima: Testemunho*. Rio de Janeiro: Lumen Christi.
- F. T. D.:
1930 *Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro – São Paulo: Livr. Francisco Alves.
- GRIECO, Agrippino:
1933 *Evolução da Prosa Brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, editora.
- IGLÉSIAS, Francisco:
1971 «Estudo sobre o pensamento reacionário: Jackson de Figueiredo», **in**: *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, pp. 109-158.
- LOBATO, Monteiro:
1961 «Cartas a Alceu Amoroso Lima (1919 – 1944)», *A Ordem*, Rio, v. LXV, n.º 4, abril, pp. 9-23.
- MENDES, Cândido *et Al.*:
1993 *Dr. Alceu e o laicato hoje no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MICELI, Sérgio:
1979 *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1930-1945)*. São Paulo: Difel.
- MOISÉS, Massaud e PAES, José Paulo (orgs.):
1980 *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, 2ª ed. São Paulo: Cultrix, p.60.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza:
1972 *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- MORAES, Carlos Dante de:
1937 *Tristão de Athayde e outros estudos*. Porto Alegre: Livraria do Globo.
- ORDEM, A (revista):
1959 Nº dedicado aos quarenta anos de crítica literária de Tristão de Athayde. Rio, v. LXI, n.º 6, junho, pp. 3-46. [Traz as seguintes matérias: Manuel Bandeira, «Grande e querido Alceu»; Antônio Carlos Villaça, «O nosso Charles Du Bos»; Hamilton Nogueira, «Roteiro espiritual»; Frei Cassiano. O.F.M., «Meu professor Tristão-Alceu»; Rui Octávio Domingues, «Verdade e Proporção»; Carlo Ferrario, «Há quarenta anos», e o 1º artigo de Alceu].
- PAIM, Antônio:
1991 «Alceu Amoroso Lima», **in**: *Logo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, v. 3, pp. 390-394.
- PORTELLA, Eduardo:
1958 «Tristão de Athayde e o Neomodernismo», **in**: *Dimensões, I*. (Crítica Literária). Prefácio de G. Freyre. Rio de Janeiro: J. Olympio, pp. 71-77.
- RODRIGUES, José Honório:
1982 «Os Oitenta Anos de Alceu Amoroso Lima», **in**: *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 339-346. [Publicado originalmente na *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, nº 1, 1974, ano 68, pp. 66-69].
- TELES, Gilberto Mendonça:
1980 *Tristão de Athayde – Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: LTC-INL.

- TEMPO BRASILEIRO (revista):
- 1973 «Alceu Amoroso Lima: 80 anos», Nº 33/34, abril-junho, pp. 3-23. [Traz artigos de Josué Montello, Antônio Houaiss, e do próprio Alceu Amoroso Lima: «A criatividade ambivalente»].
- TORRES, João Camilo de Oliveira:
- 1968 *História das Idéias Religiosas no Brasil*. (A Igreja e a Sociedade Brasileira). São Paulo: Grijalbo. [Especialmente, cap. V: «A descoberta do valor teórico do Catolicismo», pp. 176-210].
- VILLAÇA, Antônio Carlos:
- 1959 «Quarenta Anos de Crítica», *A Ordem*, Rio, v. LXI, n.º 4, abril, pp. 22-29.
- 1975 *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 107-122.
- 1983 *O Desafio da Liberdade* (Alceu Amoroso Lima). Rio de Janeiro: Agir.
- c) Obras sobre psicologia coletiva, o povo brasileiro, etc.:**
- ABREU, Capistrano de:
- 1976 «O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro» (*O Globo*, Rio, 21-1-1876 e 9-3-1876), **in:** *Ensaios e Estudos* (Crítica e História), 4ª série. Org. e prefaciado por J. Honório Rodrigues. Rio – Brasília: Civ. Brasil. / INL, pp.13-14.
- ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de:
- 1998 «Caráter Geral dos Brasileiros», **in:** *Projetos para o Brasil*. Organização de Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 183-1184.
- ANDRADE, Oswald de:
- 1990 *A Utopia Antropofágica*. (Manifestos e Teses). «A antropofagia ao alcance de todos» por Benedito Nunes. Col. «Obras Completas de O. de Andrade». São Paulo: Globo/Sec. de Estado da Cultura de São Paulo.
- AZEVEDO, Fernando de:
- 1958 «Psicologia do Povo Brasileiro», **in:** *A Cultura Brasileira*. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. Tomo primeiro: Os Fatores da Cultura. São Paulo: Melhoramentos, pp. 189-224.
- BARBOSA, Lúvia:
- 1992 *O Jeitinho Brasileiro*. (A arte de ser mais igual que os outros). Rio de Janeiro: Editora Campus.
- BLONDEL, Charles:
- 1952 *Introduction à la Psychologie Collective*. Paris: Armand Colin.
- BOUTHOU, Gaston:
- 1952 *Les Mentalités*. Paris: PUF.
- CARNEIRO, José Fernando:
- 1971 *Psicologia do Brasileiro e outros Estudos*. Prefácio de Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Agir.
- CHACON, Vamireh:
- 1990 *Deus é Brasileiro*. (O Imaginário do Messianismo Político no Brasil). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COUTINHO, Afrânio:
- 1968 *A Tradição Afortunada*. (O Espírito de Nacionalidade na Crítica Brasileira). Prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco. Col. Documentos Brasileiros – 127. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed. e Edusp.
- FERREIRA, Luiz Pinto:
- 1957 «A Psicologia Nacional», **in:** *Interpretação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Konfino – Editor, cap. XI, pp. 323-343.
- FREYRE, Gilberto:
- 1970 «O Brasileiro como Tipo Nacional de Homem Situado no Trópico»,

- Revista Brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, Ano II, Nº 6, Out/Dez: 41-57.
- FRIEIRO, Eduardo:
1957 *O Brasileiro Não É Triste*. Nova edição. «Biblioteca de Divulgação Cultural – Série A – XII». Rio de Janeiro: MEC-INL.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de:
1963 *Raízes do Brasil*, 4ª ed. revista pelo autor. Prefácio de Antonio Candido. «Biblioteca Básica Brasileira – 10». Brasília: Editora da UNB.
- JACQUES, M.^a da Graça Corrêa et Al.:
1998 *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- LEITE, Dante Moreira:
1969 *O Caráter Nacional Brasileiro*. (História de uma ideologia). 2ª ed. refundida e ampliada. São Paulo: Pioneira.
- MARTINS, Wilson:
1978 *História da Inteligência Brasileira*, vol. VI (1915-1933). São Paulo: Cultrix e Edusp.
1979 *História da Inteligência Brasileira*, vol. VII (1933-1960). Idem.
- MENEZES, Djacir (org.):
1957 *O Brasil no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC-INEP-CBPE.
- MENEZES, E. Diatay B. de:
1994 «Um Itinerário da Formação do Homem Brasileiro, do Descobrimento à Época Contemporânea» (Conferência Inaugural), in: JUNQUEIRA FILHO, Luiz C. Uchôa (org.): *Perturbador Mundo Novo*. (História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea: 1492-1900-1992). São Paulo: Ed. Escuta, pp. 13-41.
- MELLO FRANCO, Affonso Arinos:
1936 *Conceito de Civilização Brasileira*. Col. Brasileira – 70. São Paulo: CEN.
- MIROGLIO, Abel:
1965 *La Psychologie des Peuples*. Paris: PUF.
- MOOG, Vianna:
1966 *Bandeirantes e Pioneiros*. Paralelo entre duas culturas, 8ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MORAES, Eduardo Jardim:
1978 *A Brasilidade Modernista*. (Sua dimensão filosófica). Rio de Janeiro: Graal.
- MOTA, Carlos Guilherme:
1977 *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática.
- MOTA, Fernando de Oliveira:
1950 *Boa Noite, Palmares*. Recife: Imprensa Industrial.
- PAGE, Joseph A:
1995 *The Brazilians*. New York: Addison Wesley. [Sobretudo a 5ª Parte: «In Search of What Makes Brazilians Brazilian»].
- PENNA, J. O. de Meira:
1988 *Utopia Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz:
1930 «Retrato do Brasil» – *Pequenos Retoques*. Fortaleza: Typographia Minerva.
- PRADO, Paulo:
1931 *Retrato do Brasil*. (Ensaio sobre a tristeza brasileira). 4ª ed.. Rio de Janeiro: F. Briguiet.
- RIBEIRO, Darcy:
1995 *O Povo Brasileiro*. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- RICARDO, Cassiano:
1959 *O Homem Cordial e outros pequenos estudos brasileiros*. «Biblioteca de Divulgação Cultural – Série A – XXIII». Rio de Janeiro: MEC-INL.
- RODRIGUES, José Honório:
1965 *Aspirações Nacionais*. (Interpretação Histórica - Política), 2ª ed.. São

- Paulo: Fulgor [especialmente a «Introdução: A Psicologia Política e os Brasileiros» e a Parte I: «Características Nacionais»].
- ROMERO, Abelardo:
1967 *Origem da Imoralidade no Brasil*. (História da formação do Caráter Nacional). Rio de Janeiro: Conquista.
- ROMERO: Sílvio:
1875 «O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro», **in** *Etnologia Selvagem*, Recife.
1949 «Psicologia Nacional – Prejuízos de Educação – Imitação do Estrangeiro», **in** *História da Literatura Brasileira*, 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, t. I, cap. IX, pp. 128-136.
- TORRES, João Camilo de Oliveira:
1973 *Interpretação da Realidade Brasileira*, 2ª ed.. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- VERÍSSIMO, José:
1985 «As Características Brasileiras» e «Brasil e Estados Unidos», **in** *A Educação NACIONAL*, 3ª ed.. Porto Alegre: Mercado Aberto, pp. 61-72 e 131-143, respectivamente. [1ª ed.: Belém, 1890].
- VIANNA, F. J. Oliveira:
1923 *Pequenos Estudos de Psychologia Social*. São Paulo: Monteiro Lobato & C., Editores [especialmente a parte IV - «O homem e a raça»].
1973 *Populações Meridionais do Brasil*, 1º vol. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [1ª ed.: 1920].
1991 *Ensaio Inédito*. Campinas: Editora da Unicamp. [Os ensaios que compõem a Primeira Parte].
- WAGLEY, Charles:
1963 *Introduction to Brazil*. New York and London: Columbia University Press.